

O Conhecimento e



o Sabor do Saber

POR **MARIO SÉRGIO CORTELLA**

Quando se fala em talento e em humano, não podemos perder a referência óbvia de que este mundo está mudando. Não só ele muda como a novidade evidente não é a mudança, mas a velocidade da mudança. Nunca o mundo mudou com tanta velocidade como hoje, o que provoca alterações significativas no campo do conhecimento. Uma das coisas que isso traz é o impacto sobre nós, que atuamos com pessoas ou desenvolvemos uma atividade pedagógica ou educativa envolvendo o talento humano em escolas, em organizações ou em governos.

A criança que entrou este ano na primeira série do ensino fundamental, com sete anos de idade, antes de botar o pé dentro da escola pela primeira vez e assistir à sua primeira aula, já tinha assistido a cinco mil horas de televisão. Porque se calcula que uma criança veja em média três horas de TV por dia, a partir dos dois anos de idade, o que significa que aos sete anos de idade ela terá presenciado por volta de mil horas de TV por ano. Ela já assistiu ao jornal, à novela, ao National Geographic, à publicidade, ao programa pornográfico, assistiu a tudo que se pode imaginar. Viu programas científicos, viu filmes, viu ficção. Ela entra em nossa sala de aula no primeiro dia, depois de ter sido exposta a cinco mil horas de televisão, e a gente começa a aula dizendo para ela: “A pata nada”...

O foco central é, exatamente, não perdermos de vista que o mundo mudou e que estamos lidando aí com uma outra perspectiva. “A pata nada”,

que aliás funcionou e foi eficaz para muitos de nós, tem uma outra dimensão no dia-a-dia da formação de pessoas. Estamos vivendo um momento em que há, sem dúvida, uma extrema e profunda velocidade de mudança de compreensão, até de formação das pessoas. Cada vez mais, a profusão, a hiperdimensionalidade de informações existentes nos coloca um problema. Como formar pessoas? Formá-las para terem informações de fato, ou formá-las para desenvolverem conhecimento? E aí é, sim, extremamente diverso falar em informação e falar em conhecimento.

Muita gente vem se referindo aos tempos em que vivemos como a Era do Conhecimento. Mas, no mais das vezes, o que temos é, de fato, a Era da Informação. Informação é cumulativa, enquanto conhecimento é seletivo. São duas maneiras diversas de lidar com informações, dados, competências. Boa parte de nós fez uma trajetória escolar na qual o que imperou foi a informação e não o conhecimento. Qual é a diferença? Por exemplo: se você perguntar a um brasileiro ou brasileira que estudou catorze anos de língua portuguesa, ou seja, dos sete anos de idade até os vinte e um, quando entrou na universidade, qual é a diferença entre um adjunto adnominal e um complemento nominal, exceto se for professor de língua portuguesa, dificilmente saberá explicar. Já quem um dia aprendeu a operar um computador continua a saber fazê-lo.

Informação é diferente de conhecimento. Por isso é uma armadilha, que hoje se utiliza em



excesso, colocarmos, por exemplo, a internet como um grande meio de acesso ao conhecimento. Não é. A internet é um grande meio de acesso à informação. Transformar informação em conhecimento exige um passo adicional. A maior parte das pessoas se maravilha, com toda razão, com a internet porque ela é, sem dúvida, o mais brilhante e eficaz meio que nós dispomos para a repartição da informação. Mas de nada adianta você ter a internet como ferramenta se você não souber o que deseja, qual é o lugar onde você quer chegar.

Essa é a Síndrome de Alice, da estória Alice no País das Maravilhas, do grande matemático inglês do século XIX, Lewis Carroll, que atinge diretamente muitas pessoas que estão na formação de recursos humanos e na formação de talentos. Quando Alice pergunta ao gato onde vai dar determinada estrada, mas confessa não saber para onde ir por estar perdida, o comentário do gato é definitivo: “Para quem não sabe aonde vai, qualquer caminho serve”. Mais importante do que a ferramenta, a metodologia ou a técnica é a clareza em relação onde se deseja chegar. De nada adianta qualquer tipo de tecnologia se não soubermos com clareza para onde vamos.

Aliás, fazendo um parêntese, a gente não pode se encantar tanto com a tecnologia porque ela não pode perder o caráter de ferramenta. Umberto Eco, o pensador italiano, disse uma coisa que eu acho fundamental para nós não perdermos a dimensão da dignidade humana em relação à tecnologia: “A humanidade já tem condições hoje de oferecer um e-mail gratuito para cada ser humano”. Nós, em 2008, já podemos tecnicamente oferecer um e-mail gratuito para cada ser humano mas, diz Humberto Eco, nós só poderemos ficar felizes no dia em que pudermos oferecer também um prato de comida por dia para cada ser humano. Não adianta imaginar que só o e-mail gratuito para cada um, ou um e-mail para cada ser humano, seja suficiente para a nossa própria idéia de felicidade ou de vida coletiva. E isso tem a ver com talentos.

Voltando ao tema da internet, qual é a finalidade desse, repito, poderosíssimo meio de acesso a informações? É você encontrar, ali, aquilo que permita a você selecionar. E essa, no meu entender, é a grande tarefa dos formadores de pessoas: mais do que fazer com que as pessoas tenham informações, é ajudá-las a formar os seus critérios de seleção. É mais ou menos como a TV a cabo. Para que serve a TV a cabo? Para você não assistir a nenhum programa inteiro. Tem gente que pega o controle remoto, põe no primeiro canal, vai trocando de canais até o último e volta. E diz assim: “Não tem nada para se ver nessa porcaria”. O que faltou aí? Critério.

Você tem aí um cardápio com dezenas e dezenas de possibilidades de acesso à informação. Você tem que ter critério para saber o que deseja conhecer e o que deseja saber. E saber é diferente. A informação é uma questão apenas de memória. A tal ponto que os computadores fazem isso muito bem, eles tem memória. O que eles ainda não são capazes de produzir, porque nós ainda não os fizemos desse modo, é conhecimento.

Conhecimento é aquilo de que você se apropria, isto é, torna seu. Já imaginou como deve ser complicado formar pessoas passando para elas coisas nas quais elas não tem o mínimo interesse, ou não enxergam a finalidade? Já imaginou como é que você, nos dias de hoje, pega um menino de catorze, quinze anos, que está com os hormônios fervendo, e que está vivendo a vida, vendo as coisas, aprendendo de todo lado, e o coloca durante quatro horas sentado nos bancos de madeira dentro da escola? Sem poder se mexer, sem poder falar outras coisas, só podendo falar quando é chamado. E ensina para ele, durante quatro horas, anos a fio, coisas fundamentais para a existência dele, como por exemplo: o nome dos sete primeiros reis de Roma, a capital da Tanzânia, como se identifica uma mitocôndria, o peso atômico do Bário, e termina pedindo a ele para ler uma obra fundamental para a vida dele, agora em 2001, que é *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco. Sabe o que ele faz? Desinteressa-se. Ele acha que aquilo não tem a ver com a vida dele.



Há professores que dizem: “Os alunos de hoje não são mais os mesmos”. É claro que os alunos não são mais os mesmos. Assim como tem gente que diz que os funcionários de hoje não são mais os mesmos. É claro que também não são. Quem diz que os alunos de hoje não são mais os mesmos e continua dando aula do mesmo jeito que dava há dez ou quinze anos é maluco. Se souber que não são os mesmos, como é que vai continuar fazendo do mesmo jeito? Será que esse jovem não aprende em outro lugar que não apenas na escola? Como alguns, que acham que o funcionário só aprende no seu cotidiano de trabalho ou na escola. Claro que não. Não há possibilidade de se ensinar algo a alguém se aquilo não for significativo, ou seja, se não fizer sentido com o universo circunstancial dele. Por isso, é importante o critério. Lidar com critérios para diferenciar informação de conhecimento e transformar informação em conhecimento é ser capaz de auxiliar o outro, depois de identificadas suas capacidades e possibilidades, a trazer a informação para aquilo que é o seu universo vivencial.

Um exemplo concreto é a história de Isaac Newton, que estava sentado sob uma macieira, caiu-lhe uma maçã na cabeça, e ele sacou a teoria da gravitação. Quando você olha a história desse jeito, quais são as conclusões que você tira? Ele era um gênio e eu nunca serei como ele, porque ou se nasce desse jeito ou não, não dá para formar gente como Isaac Newton. Só que não é verdade. Sabe o que é que precisa ser contado? Que ele era, sem dúvida, uma pessoa muito inteligente, mas quando a maçã lhe caiu na cabeça ele já era físico. Que ele estava estudando aquela questão da queda dos corpos há quinze anos. Que ele era professor em Cambridge, a melhor Universidade da época. A maçã não bateu na cabeça de um qualquer. A maçã bateu na cabeça de alguém que estava preocupado com aquilo. Ou seja, ele tinha uma ocupação prévia com aquilo. Por isso, ele conseguiu transformar múltiplas informações em conhecimento novo.

Não existe a possibilidade de você arquitetar, estruturar, ajudar a desenvolver talentos que todos temos, se você não parte das “pré-ocupações” das pessoas, das ocupações prévias que elas têm. A questão é que a maior parte de nós, inclusive que gira e gera atividade na formação de recursos humanos, nem sempre sabe o que o outro aprende, como ele aprende, por que aprende e o que ele ensina. Isso nos coloca numa condição: lidar para arquitetar talentos é pensar a partir das pré-ocupações que as pessoas desenvolvem, e só elas podem colocar quais são as ocupações prévias que têm.

Se você, gestor de talentos ou de recursos humanos, não caminhar na direção das pré-ocupações que as pessoas têm, você não conseguirá produzir conhecimento e desenvolver talentos. Conseguirá apenas e tão somente reproduzir, repetir, mimetizar aquilo que as pessoas já sabiam. E aqui eu volto ao ponto de partida. É absolutamente arriscado uma empresa, uma organização simplesmente se contentar em reproduzir o que já se sabe, porque a velocidade da mudança é tamanha, que só consegue ir adiante com inteligência estratégica a organização que forma suas pessoas para estarem: (1) em estado de prontidão para a mudança; (2) com a capacidade de critérios para absorver informações e apreendê-las como conhecimento; (3) que sejam capazes, isso sim, não simplesmente de reproduzir, mas de criar, reinventar, produzir de outro modo.

Claro, talento não é coisa específica, exclusiva de um ou outro ser humano – é uma capacidade de todos. Só que precisa de uma atitude nossa, dos formadores, dos gestores, a atitude de perceber que o outro tem as suas pré-ocupações e elas são as indutoras da capacidade de produzir o novo e desenvolver aquilo que ele é capaz, aquilo que ele tem de potencialidade. Lembrando o gato de Alice no País das Maravilhas, se você não sabe para onde vai, qualquer caminho serve. É preciso refletir um pouco mais sobre para onde queremos ir, para que não nos sirva qualquer caminho.

MARIO SÉRGIO CORTELLA é professor convidado da Fundação Dom Cabral e professor titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e da Pós-Graduação em Educação da PUC-SP.